

# De pacificadora a insurgente: divergências na construção ficcional da líder taína Anacaona em romances históricos críticos e acríticos – o processo de colonização na América Latina

*From Peacemaker to Insurgent: Divergences in The Fictional Construction of The Taíno Leader Anacaona in Critical and Uncritical Historical Novels – The Colonization Process in Latin America*

**Tatiane Cristina Becher**  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) | Cascavel | PR | BR  
taati.becher@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-3643-0446>

**Gilmei Francisco Fleck**  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) | Cascavel | PR | BR  
chicofleck@yahoo.com.br  
<https://orcid.org/0000-0002-4228-2566>

**Resumo:** A autóctone Anacaona representa um símbolo de resistência e liderança feminina do povo taíno, pois, por resistir aos impulsos da colonização que estavam dissipando sua etnia, foi executada, condenada ao enforcamento por insurgência e rebeldia, pelos colonizadores espanhóis que chegaram ao continente americano, junto a Cristóvão Colombo, em 1492. Os registros sobre essa personagem histórica e seu povo, porém, são ínfimos na historiografia tradicional hegemônica europeia. É no universo literário que sua figura encontra espaço para ser ressignificada diante desse apagamento histórico ao qual foi submetida. Apresentamos, neste artigo, nossa análise comparativa da construção ficcional dessa personagem no romance histórico acrítico *Flor de Oro (Anacaona, Reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, e no romance histórico crítico *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas. Para tanto, utilizamos, como suporte teórico sobre as diferentes modalidades do romance histórico, estudiosos como Celia Fernández Prieto (2003) e Fleck (2017). Para tratar dos estudos decoloniais, encontramos suporte em Mignolo (2017). Utilizamos, ainda, autoras como Martínez Miguélez (1994) e Federici (2017), no que concerne ao papel da mulher na sociedade. Demonstramos, em nossa análise, exemplos das ideo-logizações criadas em torno da imagem dessa mulher autóctone ao longo dos séculos e enfatizamos a impor-

tância de personagens ocultadas pela historiografia tradicional ganharem espaço no universo literário contemporâneo e, consequentemente, no imaginário coletivo da sociedade latino-americana, ainda arraigada de pensamentos decorrentes da colonialidade.

**Palavras-chave:** Anacaona; romance histórico; estudos decoloniais; resistência feminina autóctone; Literatura Comparada.

**Abstract:** The indigenous Anacaona represents a symbol of resilience and female leadership of the Taíno people. For resisting the forces of colonization that were eroding her ethnicity, she was executed, condemned to hanging for insurgence and rebellion, by the Spanish colonizers who arrived in the America continent with Christopher Columbus, in 1492. However, records about this historical figure and her people are scarce in the European hegemonic traditional historiography. It is within the literary universe that her figure finds space to be redefined in response to the historical erasure to which she was subjected. In this article, we present our comparative analysis of the fictional construction of this character in the uncritical historical novel *Flor de Oro (Anacaona, Reina de Jaragua)* (1860), by Francisco José Orellana, and the critical historical novel *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017) by Jordi Díez Rojas. To this end, we rely on scholars such as Celia Fernández Prieto (2003) and Fleck (2017) for theoretical support regarding the different modalities of the historical novel. Regarding the decolonial studies, we draw on Mignolo (2017). Additionally, we reference authors such as Martínez Miguélez (1994) and Federici (2017) concerning the role of women in society. Through our analysis, we demonstrate examples of the ideologizations constructed around the image of this indigenous woman over the centuries. We also emphasize the importance of bringing to light characters obscured by traditional historiography, granting them space in contemporary literature and, consequently, in the collective imaginary of Latin American society, which remains deeply rooted in coloniality-driven thought.

**Keywords:** Anacaona; historical novel; decolonial studies; indigenous female resistance; Comparative Literature.

## 1 Introdução: uma líder taína ocultada, subjugada e excluída na historiografia tradicional

Anacaona foi uma líder taína que comandava uma das primeiras populações autóctones com as quais os colonizadores espanhóis tiveram contato desde que chegaram, em 1492, em Guanahaní, território insular nomeado “La Española” por Cristóvão Colombo e que abriga, atualmente, as nações do Haiti e da República Dominicana. Anacaona foi enforcada e teve sua comunidade dizimada, em 1503, pelos exploradores espanhóis. O contingente de exploradores, praticamente, exterminou a população nativa da ilha de Guanahaní/“La Española”, em expedições que garantiram o domínio desse território para a coroa espanhola durante o processo de colonização da América. A pesquisadora Catharina V. de Vallejo (2015) detalha que nesse período. “[...] com a morte de seu irmão (fato sobre o qual não temos detalhes), Anacaona, já chefe de Maguana pela morte de Caonabó, também se torna chefe de Xaraguá – outro grande acontecimento de sua vida, sem dúvida, embora não haja fontes documentais sobre isso.” (Vallejo, 2015, p. 24, tradução nossa).<sup>1</sup>

A atuação dessa líder taína, no entanto, não figura de maneira representativa nos anais da historiografia tradicional hegemônica europeia. Os registros de Cristóvão Colombo, como o *Diário de Bordo* (1492-1493) e as *Cartas de relação* (1493-1495), são alguns dos documentos mais amplamente conhecidos sobre a História da “conquista” da América. Nesses escritos, porém, não há qualquer menção à existência de Anacaona, ainda que existam extensas narrativas sobre a atuação de seu marido, o cacique Caonabó, que também foi capturado e morto pelos colonizadores espanhóis.

Outro registro considerado significativo pelas nações europeias sobre a época da colonização do continente americano é o do cronista Pietro Martire d’Anghiera, historiador italiano a serviço da coroa espanhola durante a era das grandes navegações, que compilou, em sua obra *De Orbo Novo* (1912), cuja primeira edição foi publicada em 1530, os primeiros registros dos “descobrimentos” da América Central e do Sul pelos espanhóis, em uma série de cartas e relatórios. A obra foi originalmente escrita em latim, dividida em 10 capítulos, denominados “décadas”, os quais descrevem os primeiros contatos entre europeus e nativos americanos. Anghiera baseou seus escritos nas *Cartas* (1493-1495) de Cristóvão Colombo à coroa espanhola, entrevistas com o próprio Colombo e com outros viajantes que voltavam do “Novo Mundo” e registros do Conselho das Índias, órgão administrativo colonial espanhol que se encarregava da colonização dos territórios ultramarinos denominados “Índias” (Américas e Filipinas).

Diferentemente dos escritos de Colombo, Anghiera (1912) faz alusão à figura de Anacaona, nas palavras do cronista, lemos que:

Bartolomeu Colombo marchou para lá, portanto, e foi recebido com muita honra, pelo cacique e por sua irmã. Essa mulher, ex-esposa de Caonabó, rei de Cibao, era tão estimada em todo o reino quanto seu irmão. Aparentemente, ela era graciosa, inteligente e prudente. Tendo aprendido uma lição com o exemplo de seu marido,

<sup>1</sup> Texto original: [...] a la muerte de su hermano (suceso del que no se tiene detalles), Anacaona, ya cacica de Maguana por la muerte de Caonabo, también llega a ser cacica de Xaragua – otro gran evento de su vida, sin duda, aunque tampoco quedan fuentes documentales de ello (Vallejo, 2015, p. 24).

ela persuadiu seu irmão a se submeter aos cristãos, a acalmá-los e agradá-los. Essa mulher se chamava Anacaona (Anghiera, 1912, p. 123, tradução nossa).<sup>2</sup>

Segundo o relato de Anghiera, Anacaona tentou estabelecer uma convivência pacífica com os colonizadores espanhóis, convencendo seu irmão Bohechio a se submeter a eles, após “ter aprendido uma lição com o exemplo de seu marido”, referência de Anghiera (1912) feita à captura de Caonabó. Sobre isso, Vallejo (2015, p. 24, tradução nossa) aponta que “Anacaona conseguiu estabelecer relações pelo menos cordiais entre os espanhóis e o cacicado de Xaraguá, já o último reino importante da ilha que não havia sido subjugado ou desaparecido, nem seus caciques presos, executados ou enviados à Espanha”.<sup>3</sup>

Ainda que Anghiera (1912) mencione a beleza e a destreza da cacica em suas crônicas, não encontramos, em sua obra, qualquer alusão ao assassinato de Anacaona ou ao massacre de Xaraguá. Assim, vidas, acontecimentos e corpos ficam perpetrados, estáticos, nos registros do passado produzidos sob aquele olhar e aquela intenção que convém a quem os produz ou reproduz, ou àqueles a quem esses privilegiados conhcedores da arte de escrever estiveram, também, subordinados.

Contrastamos, aqui, os registros de Colombo e de Anghiera com aqueles feitos pelo Frei Bartolomeu de Las Casas (1474/1484-1566),<sup>4</sup> frade dominicano espanhol, que atuou nesses eventos históricos. Las Casas escreveu *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*<sup>5</sup> (2011) e *Historia de las Indias*<sup>6</sup> (1957), registros que apresentam suas vivências junto aos exploradores espanhóis, inclusive, nos primeiros contatos que tiveram com os nativos americanos no período da colonização. O relato de Las Casas apresenta a perspectiva mais divergente com relação a outros documentos que contêm testemunhos de sujeitos participantes das expedições de colonização europeia no continente americano. Isso por ser um dos únicos registros provenientes de uma testemunha dessas viagens à América que retrata, com detalhes, vários dos massacres de nativos realizados pelos colonizadores europeus.

Segundo o relato de Las Casas, certa vez, quando estabelecidos os assentamentos espanhóis no território da Ilha, o governador, Nicolas Ovando, que fora designado pela corte para governar a região, dizimou a comunidade chefiada por Anacaona. No relato do frei, lemos:

Certa vez, aqui chegou o governador que governava esta ilha, com sessenta cavaleiros e mais trezentos peões, sendo que apenas os que estavam a cavalo bastavam para destruir toda a ilha e o continente, e mais de trezentos chefes vieram

<sup>2</sup> Texto original: Bartholomew Columbus marched thither, therefore, and was received with great honours, by the cacique and by his sister. This woman, formerly the wife of Caunaboa, King of Cibao, was held in as great esteem throughout the kingdom as her brother. It seems she was gracious, clever, and prudent. Having learned a lesson from the example of her husband, she had persuaded her brother to submit to the Christians, to soothe and to please them. This woman was called Anacaona (Anghiera, 1912, p. 123).

<sup>3</sup> Texto original: Anacaona pudo establecer relaciones por lo menos cordiales entre los españoles y el cacicazgo de Xaragua, ya el último reino importante de la isla que no se había subyugado o desaparecido, ni sus caciques presos, ejecutados, o enviados a España (Vallejo, 2015, p. 24).

<sup>4</sup> Existem divergências com relação à data de nascimento do frei Bartolomeu de Las Casas. Alguns registros, como a pesquisa de Thacher (1903) e a obra *Historia de las Indias* (1957), apontam o ano de 1474, enquanto outros, como a obra *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (2011), indicam o ano de 1484.

<sup>5</sup> A primeira edição dessa obra foi publicada em 1552.

<sup>6</sup> A primeira edição dessa obra foi publicada em 1875.

ao seu chamado, seguros, dos quais ele mandou colocar os mais velhos dentro de uma casa de palha muito grande por engano e, quando eles entraram, ordenou que lhes ateassem fogo e os queimassem vivos. A todos os outros alancearam e mataram muitos deles com a espada, e para honrar sua chefe, Anacaona, enforcaram-na (Torrejón, 2011, p. 28, tradução nossa).<sup>7</sup>

De acordo com o registro de Las Casas, durante esse sangrento episódio, alguns cristãos tentavam proteger as crianças, colocando-as nas ancas dos cavalos, mas os espanhóis as atingiam pelas costas com lanças e, depois de caídas ao chão, cortavam-lhes as pernas com uma espada. Alguns nativos que conseguiram fugir dessa残酷 chegaram a uma pequena ilha próxima. O governador, porém, condenou à escravidão todos estes que tentaram fugir.

Com base em nossa análise dos excertos provenientes da historiografia tradicional, vemos que, apesar de haver sido uma figura representativa de poder em suas terras, e de resistência à colonização espanhola, não encontramos menções significativas, em documentos históricos ou bibliografias de outra natureza, que descrevam as ações de Anacaona. Como resultado desse quase apagamento da personagem na História oficializada, e a consequente pouca atenção que essa personagem recebeu por historiadores até os dias atuais, sua figura é, na verdade, praticamente desconhecida, inclusive, em países latino-americanos como, por exemplo, o Brasil.

Recuperar essas imagens e trazê-las à memória hodierna é, desde nosso ponto de vista, uma ação descolonizadora e um dos meios eficientes de, na atualidade, cultivar o pensamento decolonial – e as ações práticas que dele devem derivar –, já que a ação de resistência da personagem Anacaona é traço identitário da mulher que, pelo discurso colonialista, sempre foi subjugada, minimizada e, tantas vezes, silenciada nos registros oficializados. Um dos espaços nos quais a reconfiguração da imagem dessa líder taína faz-se possível é no universo literário. Apresentamos, na sequência deste artigo, a análise de duas obras que ficcionalizam Anacaona a partir de diferentes vieses: um deles acrítico com relação ao discurso historiográfico tradicional – a obra *Flor de Oro (Anacaona, Reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana –, e outro de maneira crítica/decolonial – o romance *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas.

## 2 Uma líder taína submissa, complacente e dominada representada no universo ficcional

Apresentamos, nesta seção, a análise da configuração da personagem Anacaona em um romance histórico da Literatura Espanhola, produzido no ano de 1860: *Flor de Oro (Anacaona, Reina de Jaragua)*, de Francisco José Orellana. Sua diegese reconstrói os episódios dos primeiros contatos estabelecidos entre os colonizadores espanhóis que acompanharam Cristóvão Colombo em suas viagens ao “Novo Mundo” durante o processo de colonização da América Latina.

<sup>7</sup> Texto original: Aquí llegó una vez el gobernador que gobernaba esta isla con sesenta de caballo y más trescientos peones, que los de caballo solos bastaban para asolar a toda la isla y la tierra firme, y llegaronse más de trescientos señores a su llamado, seguros, de los cuales hizo meter dentro de una casa de paja muy grande los más señores por engaño, y metidos les mandó poner fuego y los quemaron vivos. A todos los otros alancearon y metieron a espada con infinita gente, y a la señora Anacaona, por hacelle honra, ahorcaron (Torrejón, 2011, p. 28).

Podemos identificar o viés acrítico da obra no excerto apresentado a seguir, que descreve os sentimentos dos exploradores ao chegar em Guanahaní/“La Española”, com a expectativa de obter muito ouro de maneira fácil, e a imaginação dos grandes feitos que teriam nesse novo continente:

Colombo acabava de chegar à Espanhola com dezessete navios, cerca de dois mil homens de todas as classes e condições [...] todos animados pelas mais lisonjeiras esperanças, e acreditando que iriam encher suas mãos com ouro e sem esforço naquela terra de promessas: [...] também sonhavam com a glória dos grandes feitos, porque sua imaginação lhes apresentava o país *recém-descoberto* como um vasto teatro de aventuras cavalheirescas [...]. Alguns religiosos também haviam ido para cuidar dos interesses espirituais da colônia e da *conversão* dos índios à fé católica (Orellana, 1860, p. 8, tradução nossa, grifo nosso).<sup>8</sup>

Destacamos, nesse trecho, as palavras “descoberto” e “conversão”, que refletem o caráter acrítico da obra, característico de narrativas históricas que intentam exaltar o discurso histórico hegemônico tradicional, o qual descreve a chegada dos europeus à América como a “descoberta” desse continente e o denomina como o “Novo Mundo”. Tais usos intencionais da linguagem serviram como ferramentas exitosas para manipular o domínio dos impérios sobre essas sociedades “descobertas”, “conquistadas”, “convertidas”. Segundo Fleck (2017), em romances acríticos como este, pertencentes à primeira fase da trajetória do romance histórico, a ficção é amalgamada à História para exaltar o passado e os sujeitos já consagrados pela historiografia. Além disso, nessas narrativas, não se estabelece qualquer tipo de reflexão crítica acerca das consequências trágicas das ações de figuras históricas como a de Cristóvão Colombo, Alonso de Ojeda,<sup>9</sup> e os demais colonizadores europeus perante os nativos americanos; pelo contrário, suas ações são mostradas como exemplos de bravura, de coragem e de heroísmo a serem seguidos pelos leitores hodiernos.

A primeira menção à personagem Anacaona no romance de Orellana (1860) acontece quando ela se encontra com o personagem Alonso de Ojeda, e sua figura é descrita da seguinte maneira:

Era uma mulher de estatura mediana, quase branca, de cintura ondulada e formato voluptuoso: estava meio envolta em um manto de algodão com largos quadrados brancos e azuis: estava adornada com pulseiras de ouro e um lindo colar de conchas vermelhas e amarelas polidas e sua cabeça, de forma correta, embora como indígena, estava enfeitada com duas lindas flores recentemente colhidas,

<sup>8</sup> Texto original: Colon acababa de llegar á la Española con diez y siete naves unos dos mil hombres de todas clases y condiciones [...] todos animados de las mas lisonjeras esperanzas, y creyendo que iban a recoger el oro á manos llenas y sin trabajo en aquella tierra de promisión: [...] también soñaban en la gloria de grandes hazañas, porque su imaginación les representaba el país *recién-descubierto* como un vasto teatro de aventuras caballe-  
rescas [...]. Habían ido también algunos religiosos para cuidar de los intereses espirituales de la colonia y de la *conversión* de los indios á la fé católica (Orellana, 1860, p. 8, grifos nossos).

<sup>9</sup> Alonso de Ojeda também é uma personagem de extração histórica. Em *Historia de las Indias* (1957), Las Casas relata que Alonso de Ojeda foi quem capturou Caonabó para que ele fosse enviado à rainha Isabel, em Castela.

uma branca e outra vermelha, entrelaçadas com seus cabelos artisticamente trançados (Orellana, 1860, p. 13, tradução nossa).<sup>10</sup>

Entre as primeiras características enfatizadas na representação ficcional da líder taína está a sua beleza. Assim como Vallejo (2015) comenta, os registros historiográficos existentes sobre essa cacica são poucos e, quando existentes, também enfatizam, em um processo de 500 anos de criação de ideologizações em torno de sua imagem, sua aparência, além das funções de esposa, mãe, rainha e poeta. Chamamos a atenção ao discurso que efetiva a descrição da personagem como “quase branca”, no trecho apresentado. Essa é uma tentativa discursiva de aproximar-a às personagens masculinas espanholas provenientes do território europeu, pois a diegese, em certa medida, busca promover a exaltação das qualidades da cacica, sendo estratégica a sua descrição assemelhada ao universo do colonizador. Esse discurso ajusta-se à intencionalidade do romance tradicional de Orellana de transformar a cacica em uma especial colaboradora dos propósitos espanhóis subjugadores de seu povo.

Ao longo da diegese de Orellana (1860), a personagem Anacaona é configurada como uma mulher nativa que escolheu apoiar os colonizadores espanhóis ao invés de se manter do lado de seu marido, Caonabó, e de seu povo. No excerto, a seguir exposto, a nativa justifica seu posicionamento não como um rechaço ao seu povo, mas como uma forma de o proteger do real culpado das mazelas que estariam por acontecer na ilha: Caonabó. Assim, ela expressa:

[...] não sei nada além de amar. Mas amo minha raça, amo meu povo, amo minha família; e como sei que as maquinaciones de Caonabó atraerão sobre todos nós os maiores infortúnios, amaria o homem que derrotasse e aprisionasse o caribinho, impossibilitando-lhe de fazer o mal (Orellana, 1860, p. 18, tradução nossa).<sup>11</sup>

Há, aqui, outras duas construções da diegese: a culpabilidade de Caonabó pelas lutas e mortes que aconteceriam – a força motriz da extermínio do povo taíno pelos colonizadores espanhóis reside na resistência tenaz de Caonabó – e a edificação dos colonizadores como os modernizadores/salvadores perante os cruéis feitos desse inimigo, representante da barbárie, figura contrária a toda a modernização e à salvação trazida pelos invasores, como edifica a retórica da modernidade/civilidade que implementou o colonialismo na América. Essa é uma característica do romance histórico tradicional. Segundo Fleck (2017), nessa modalidade das narrativas híbridas de História e ficção, a ideologia presente na obra comunga com a da historiografia tradicional, para estabelecer um discurso que exalta o herói do passado, valoriza suas qualidades e o torna um exemplo de sujeito pretérito, que deve ser seguido pelo cidadão do presente.

Para além da exaltação dos personagens colonizadores espanhóis que se estabeleciam naquela terra, e da categorização de Caonabó como o verdadeiro culpado – bárbaro e insen-

<sup>10</sup> Texto original: Era una mujer de regular estatura, casi blanca, de talle cimbrador y formas voluptuosas: venia medio envuelta en un manto de algodón de anchos cuadros blancos y azules: se adornaba con brazaletes de oro y con un lindo collar de conchas rojas y amarillas abrillantadas, y en su cabeza, de un perfil correcto, aunque de tipo indio, llevaba por todo ornado dos hermosas flores recién cogidas, una blanca y otra roja, entrelazadas con sus cabellos artísticamente trenzados (Orellana, 1860, p. 13).

<sup>11</sup> Texto original: [...] yo no sé mas que amar. Pero amo á mi raza, amo á mi pueblo, amo á mi familia; y como sé que las maquinaciones de Caonabó atraerán sobre todos nosotros las mayores desventuras, yo amaría al hombre que venciese y aprisionase al caribe, imposibilitándole para dañar (Orellana, 1860, p. 18).

sível – das malezas que aconteciam na ilha, há, também, a caracterização de Anacaona como uma “mulher fraca”. Isso fica evidente em suas próprias palavras, sendo ela diminuída apenas aos seus atributos de beleza e de pacificação. Imaginar tal atitude da protagonista em relação ao seu marido, e tal discurso proferido pela própria voz de quem foi resistente aos invasores que o reduz a um sujeito irracional, sanguinário e vingativo, é chegar ao extremo daquilo que a retórica da modernidade/civilidade pode produzir. Ela, contudo, apoia-se no discurso construído sobre a imagem pré-concebida de Anacaona como uma mulher pacificadora e sensata.

No entanto, cogitar a articulação desse discurso em favor dos colonizadores, nos dias de hoje, e, além do mais, sendo esse discurso proferido pela líder taína, que deu sua vida pela liberdade de seu povo, requer, dos leitores latino-americanos hodiernos, um tanto de imaginação e de conhecimento teórico sobre a construção discursiva do romance histórico tradicional, cuja base ideológica, que se alinha ao discurso colonialista, sustenta a escrita de Orellana (1860). Tal discurso do autor espanhol, enunciado pela voz da personagem Anacaona, serve para degenerar a imagem de seu próprio marido e líder de sua comunidade. Gerar discursos laudatórios sobre as ações colonialistas é uma estratégia típica do colonialismo, o qual se prolongou da retórica da modernidade/civilidade até a colonialidade do poder e do saber (Mignolo, 2017), e resiste até os dias de hoje. A extensão, no próprio romance histórico tradicional, e a continuidade desse mesmo discurso, por séculos após os eventos ocorridos, são provas incontestáveis da atualidade da colonialidade que se estendeu das independências políticas dos territórios colonizados aos nossos dias.

A diegese apresenta extensos conflitos travados entre as personagens espanholas e as nativas, incluindo a captura e a morte de Caonabó por haver assassinado um grupo de espanhóis. A voz narrativa apresenta, ao final da obra, a ficcionalização do massacre de Xaraguá, na ocasião em que Anacaona recebe os colonizadores em seu reino para um momento de festividade, com a intenção de reforçar seus laços com os estrangeiros. O personagem Ovando, no entanto, ludibriado por intrigas criadas sobre as reais intenções de Anacaona e de seu povo, ordena o ataque aos chefes indígenas e seu povo, que ali estavam reunidos, conforme descrito no seguinte excerto:

A infantaria desdobrou-se em duas alas e cercou a casa de Anacaona, impedindo a saída de todos os que estavam dentro, e a cavalaria avançou em direção ao povo indefeso, executando uma terrível carnificina. Seria impossível descrever aquela cena assustadora: homens, mulheres e crianças fracas, atropelados pelos cavalos, buscavam, em vão, a salvação na fuga: as lanças afiadas e as espadas cortantes atacavam seus corpos nus; e os gritos de horror das mães e o pranto dos filhos misturavam-se com as tristes angústias das vítimas (Orellana, 1860, p. 508-509, tradução nossa).<sup>12</sup>

A cena descrita mostra que, enquanto a batalha acontece, Anacaona grita a Ovando questionamentos sobre aquela cruel injustiça. A cacica é acorrentada e aprisionada em uma casa próxima dali, enquanto os homens de Ovando arrancam, violentamente, confissões

<sup>12</sup> Texto original: La infantería se desplegó en dos alas y cerco la casa de Anacaona, impidiendo la salida de cuantos había dentro, y la caballería se precipitó sobre el pueblo indefenso, haciendo en él una espantosa carnicería. Imposible sería describir aquella espantosa escena: hombres, mujeres y débiles niños, atropellados por los caballos, en vano buscaban su salvación en la fuga: las agudas lanzas y las cortantes espadas se cebaban en sus cuerpos desnudos; y los gritos de horror de las madres y el llanto de los hijos se mezclaban con los tristes ayes de los moribundos (Orellana, 1860, p. 508-509).

dos caciques. O recinto onde mantinham os chefes taínos começa a pegar fogo. Alguns dias depois do ataque a Xaraguá, Anacaona, que havia sido capturada, é enforcada, conforme apresentado no fragmento abaixo:

[...] a gentil e nobre Anacaona, fiel amiga dos espanhóis, havia sido acusada de traição pelas declarações que as torturas haviam extraído de vários de seus compatriotas, e acabara de morrer em uma forca. Muitos espanhóis lamentaram por ela; mas essas lágrimas não conseguiram lavar a mancha que Ovando deixou em seu nome e em sua memória (Orellana, 1860, p. 511, tradução nossa).<sup>13</sup>

Como podemos ver, não há uma descrição extensa para o evento da morte de Anacaona no romance de Orellana (1860), supostamente a personagem principal da diegese. Ao invés disso, a morte exaltada é a do personagem Colombo, quando este vem a falecer, em Valladolid, na Espanha, junto a alguns membros da corte. Com a saúde cada vez mais precária, deixa um testamento e se despede antes de partir. Essa percepção é reforçada, ainda, pela forma como a diegese termina: após se despedir de seus irmãos e amigos, deixar seu testamento e receber a Extrema-Unção de um frei, Colombo morre, e a voz narrativa descreve que ele “havia morrido para viver para sempre” (Orellana, 1860, p. 524, tradução nossa).<sup>14</sup>

Os romances históricos acríticos, como o de Orellana (1860), reforçam, no imaginário de seu leitor, a exaltação de figuras representativas de heróis nacionais, como foi o caso de Cristóvão Colombo para a nação espanhola. Segundo Fernández Prieto (2003), as escritas híbridas que seguiram os romances históricos clássicos scottianos mantiveram, em sua diegese, estratégias escriturais, como a verossimilhança e a intenção de ensinar a História oficializada ao leitor. Apresentaram, porém, inovações que as separam do modelo clássico scottiano, como a subjetivação da História e a ruptura das fronteiras temporais que separam o passado da História e o presente da enunciação, que são premissas da modalidade tradicional do gênero. Essas são algumas das estratégias escriturais presentes no romance histórico tradicional de Orellana (1860), destacadas como premissas de toda a modalidade tradicional do romance histórico por Fleck (2017).

Essa construção ideológica antropocêntrica contrapõe-se, diretamente, à valorização da figura antagônica de uma líder nativa mulher, como foi o caso de Anacaona. Apesar do título da obra de Orellana (1860) fazer alusão à personagem histórica, a participação desta na diegese funciona como subsídio para a valorização de personagens masculinas, em especial, a de Colombo. A construção ficcional da personagem Anacaona pode ser considerada, inclusive, como acessória nessa obra do século XIX. Ainda que sua presença seja significativa e marcada, suas ações são sempre voltadas a um homem – seja este alguém que Anacaona venera, como Alonso de Ojeda, ou alguém a quem é completamente submissa, como seu marido Caonabó.

Apresentamos, na próxima seção do texto, uma outra configuração ficcional da imagem de Anacaona, em um romance histórico contemporâneo de mediação, construído a partir de um viés crítico e decolonial.

<sup>13</sup> Texto original: [...] la bondosa, la noble Anacaona, la fiel amiga de los españoles, habia sido convencida de traicion por las declaraciones que el tormento habia arrancado á varios de sus compatriotas, y acababa de morir en una horca. Muchos españoles la lloraron; pero estas lágrimas no pudieron lavar el borron que Ovando echó sobre su nombre y su memoria (Orellana, 1860, p. 511).

<sup>14</sup> Texto original: [...] habia muerto para vivir siempre (Orellana, 1860, p. 524).

### 3 Uma líder taína resistente e insubordinada configurada no universo ficcional híbrido

Passamos, nesta seção do artigo, para nossa análise da construção da personagem Anacaona na obra *Anacaona: la última princesa del Caribe* (2017), de Jordi Díez Rojas. A obra ficcionaliza os primeiros encontros e embates entre os colonizadores espanhóis e os povos aborígenes de Guanahaní/“La Española”, no final do século XV e início do século XVI, durante as primeiras expedições de Cristóvão Colombo à América.

Na obra de Rojas (2017), a personagem Anacaona é construída em torno de algumas características principais: sua atitude de liderança, sua serenidade e, principalmente, sua beleza, o que, por vezes, ao longo da diegese, representa uma objetificação de seu corpo perante personagens masculinas. Nessa diegese, ela acaba sendo sexualmente abusada por uma das personagens dos colonizadores, um sujeito que cobiça seu corpo desde o primeiro momento em que a vê. Essa representação ficcional não difere das palavras de Federici (2017, p. 378) sobre os relatos do que aconteceu na colonização da América: “Na fantasia europeia, a América em si era uma mulher nua, sensualmente reclinada em sua rede, que convidava o estrangeiro branco a se aproximar”. As vozes femininas silenciadas ao longo da História, como a de Anacaona, representam a persistência dessa luta contra o controle exercido sobre os corpos das mulheres, que perpassa séculos, culturas distintas, gerações e perdura até os dias atuais.

Na diegese de Rojas (2017), na narração da chegada dos viajantes espanhóis a Guanahaní/“La Española”, a construção da personagem Anacaona – que posteriormente se casa com o cacique Caonabó, do reino de Maguana – como uma mulher pacificadora se faz presente, como lemos no trecho apresentado abaixo, no qual Anacaona indaga Caonabó sobre sua desconfiança dos estrangeiros:

— Grande Caonabó, você não pensou por um momento que talvez Guacanagarí tenha razão e que esses homens não sejam os inimigos que você diz, mas um povo amigo com o qual se possa crescer de mãos dadas? – Anacaona aproximou-se: — Você mesmo afirmou que quando os viu chegar escondeu-se e os atacou (Rojas, 2017, p. 94, tradução nossa).<sup>15</sup>

Vemos que a personagem Anacaona é construída, discursivamente, com base em sua virtude de pacificadora. Atributos de prudência e cautela são, dessa maneira, integrados à figuração da nativa no romance. A tessitura romanesca não faz distinção entre a opinião masculina de dois líderes nativos e a intervenção questionadora da personagem feminina, esposa de um deles, produzindo, no leitor, a ideia de valorização da opinião feminina nesse contexto social e histórico.

Assim como na diegese de Orellana (1860), na narrativa de Rojas (2017), também há a recriação dos episódios da captura e da morte de Caonabó pelos espanhóis, pois o cacique havia, supostamente, atacado e assassinado um grupo de espanhóis na ilha, na tentativa de vingar-se pelos ataques prévios que aqueles estrangeiros haviam perpetrado ao povo de Guanahaní. Há, ainda, em Rojas (2017), a ficcionalização das mutilações que colonizadores

<sup>15</sup> Texto original: – Gran Caonabó, ¿no habéis pensado ni por un momento que quizá Guacanagarí tenga razón y que esos hombres no sean los enemigos que decís, sino un pueblo amigo con quien crecer de la mano? Vos mismo afirmasteis que al verlos llegar os escondisteis y les atacasteis – se acercó Anacaona (Rojas, 2017, p. 94).

como Colombo usavam como punição aos habitantes originários. O personagem do almirante ordena que os nativos que não houvessem pagado os tributos impostos pelos colonizadores deveriam ser marcados com uma medalha de cobre. Rojas (2017) constrói, assim, uma narrativa verossímil que lança um olhar crítico sobre os homens exaltados pelo discurso historiográfico tradicional do passado, ao trazer a imagem de Cristóvão Colombo como ordenador de tributos e de mutilações, que serviam como castigo enquanto tentava se estabelecer como governador da ilha.

Na continuação dos eventos da narrativa, os personagens Ramón Paner<sup>16</sup> e Las Casas passam um tempo vivendo na comunidade de Anacaona. Durante sua hospedagem nas terras de Anacaona, Paner passa a admirar ainda mais a cacica, conforme vemos em suas palavras após um comentário da cacica sobre o ódio que cresce em uma terra em que sangue foi derramado:

“A raiva se alimenta da nossa dor. Não vale a pena lutar a vida inteira, matar não vale nem para se defender, e a terra que é regada de sangue murcha enquanto os espíritos de nossos ancestrais se contorcem de dor. Só o ódio cresce no chão sangrento, bohique.” Não ousei dizer uma única palavra que fizesse jus às de Anacaona, mulher prudente e sábia, além de portadora de uma beleza que ainda fazia as palavras tremerem na boca do sevilhano e que me fazia virar os olhos quando falava para ela para não olhar para as curvas do seu corpo. (Rojas, 2017, p. 392-393, tradução nossa).<sup>17</sup>

Ao longo do romance de Rojas (2017), vemos – pelo olhar das personagens masculinas –, essa ideologização construída em torno da personagem de Anacaona, de mulher pacificadora, sábia e de inigualável beleza, que se faz aparente no excerto apresentado, pelas palavras da personagem que intentam estabelecer a paz, evitar confrontos e mortes que só trazem sofrimento. Esse discurso é confirmado pelas palavras do frei, que não considera qualquer resposta sua à altura das palavras de Anacaona e enfatiza a beleza da nativa, referindo-se, especificamente, à de seu corpo. Vallejo (2015) aponta que essas são algumas das ideologizações criadas em torno da figura quase desconhecida de Anacaona, pelos escassos escritos dos cronistas do início do século XVI que a mencionam, os quais “[...] ao atribuir diferentes valores, motivaciones y evaluaciones às ações de Anacaona, constroem um caráter diferente, e, também, iniciam (fundamentam) o processo de ideologização – às vezes em termos de oposição binária – dessa vida” (Vallejo, 2015, p. 32, tradução nossa).<sup>18</sup>

<sup>16</sup> O frei Ramón Paner é uma personagem de extração histórica. Ele foi designado para viajar ao “Novo Mundo” por conselho de Colombo, com o propósito de se familiarizar com os costumes e princípios religiosos dos indígenas. Esse foi o objetivo da maioria dos membros da igreja que vieram ao continente americano na época da colonização.

<sup>17</sup> Texto original: “La rabia se alimenta de nuestro dolor. No merece la pena seguir luchando toda la vida, matar no es digno ni siquiera para defenderse, y la tierra que se riega con sangre se marchita mientras los espíritus de nuestros antepasados se retuercen de dolor. Solo el odio crece en tierra ensangrentada, bohique.” No atrevíme a decir una sola palabra que estuviera a la altura de las de Anacaona, mujer prudente y entendida, amén de portadora duna hermosura que todavía hacía temblar las palabras en boca del sevillano y que hacíame voltear la vista cuando hablaba con ella para no fijarla en las redondeces de su cuerpo (Rojas, 2017, p. 392-393).

<sup>18</sup> Texto original: [...] al atribuir diferentes valores, motivaciones y evaluaciones a las acciones de Anacaona, construyen un personaje diferente, y también dan inicio (fundamentan) al proceso de ideologización – a veces en términos de oposición binaria – de esa vida (Vallejo, 2015, p. 32).

A voz narrativa apresenta, ao final da diegese, a ficcionalização do massacre de Xaraguá, quando o governador Nicolás de Ovando chega, com seus homens, às terras de Anacaona, a qual os recebe com banquetes, apresentações de dança e de *areítos*.<sup>19</sup> Ovando diz que, também, havia preparado um jogo de lanças, como o chamavam em Castela, para a recepção de Anacaona. Para essa performance, Ovando diz à cacica que seria necessário que todos estivessem em algum lugar fechado, para que vissem o jogo sem qualquer perigo. Anacaona prepara, então, o maior *caney* do povoado. Quando todos entram, os homens de Ovando começam o massacre, ateando fogo ao *caney*, como lemos no fragmento a seguir:

Em poucos segundos, uma intensa fumaça negra como a morte subiu ao céu de Xaguará, envolta em infinitos gritos de terror. A cabana, que parecia que ia explodir da pressão dos que nela se amontoavam, era alimentada pelas chamas e pelas flechas dos arqueiros e atiradores que o governador havia colocado em volta dela. [...]. Vi como os corpos enegrecidos, que saíam pelas brechas deixadas pelo fogo, foram massacrados por flechas, e vi como a vida foi consumida nos poucos minutos que durou o extermínio (Rojas, 2017, p. 406-407, tradução nossa).<sup>20</sup>

A ficção de Rojas (2017) propõe uma releitura do evento sobre o qual temos poucas referências na historiografia tradicional hegemônica europeia, como o relato de Gayangos à “[...] guerra que Diego Velázquez liderava, no momento, contra Anacaona, rainha viúva do Haiti” (Gayangos, 2019, p. xi, tradução nossa),<sup>21</sup> e a alusão de Las Casas, anteriormente apresentada, ao massacre dos taínos presos em uma grande cabana na qual atearam fogo, assim como na ficção de Rojas (2017). Nessa releitura da História da líder taína, o ataque é descrito como um “extermínio” que, em poucos minutos, dizima, com fogo e por flechadas, toda sua comunidade. Assim como Las Casas descreve que Anacaona foi enforcada, Rojas (2017) também retrata, em seu romance, o enforcamento da cacica, conforme lemos abaixo:

Olhei nos olhos de Anacaona. Já estavam mortos muito antes daquele animal lhe dar um empurrão e deixá-la pendurada diante da visão depravada dos cristãos que se abrasavam sob o sol e que aplaudiam cada movimento pendular de Anacaona. Não demorou muito para que seu corpo acompanhasse sua alma morta, como a minha, sem outra chance de salvação a não ser suportar mais alguns tremores antes que seu coração parasse de bater (Rojas, 2017, p. 418, tradução nossa).<sup>22</sup>

<sup>19</sup> “Areíto: Baile, celebración tradicional en que se cantaba y se recitaban historias y poemas” (Rojas, 2017, p. 423). – Nossa tradução: Baile, festa tradicional em que histórias e poemas eram cantados e recitados (Rojas, 2017, p. 423).

<sup>20</sup> Texto original: En unos segundos, un humo intenso negro como la muerte elevóse al cielo de Yaguana envuelto en gritos de terror infinitos. La cabaña, que parecía que iba a deshacerse de la presión de los que en ella hacinábanse, era pasto de las llamas y de los tiros de flechas de los arqueros y ballesteros que el gobernador había dispuesto a su alrededor. [...] Vi cómo los cuerpos ennegrecidos que salían por los huecos que el fuego dejaba eran masacrados por flechas, y vi cómo la vida consumíase en los pocos minutos que duró el exterminio (Rojas, 2017, p. 406-407).

<sup>21</sup> Texto original: [...] guerra que contra Anacaona, reina viuda de Haití dirigía á la sazón Diego Velazquez. (Gayangos, 1866 [2019], p. xi).

<sup>22</sup> Texto original: Miré a los ojos de Anacaona. Ya estaban muertos mucho antes de que aquel animal diérale un empujón y dejárala colgando ante la vista depravada de los cristianos que cocíamonos al sol, y que vitoreaban cada movimiento pendular de Anacaona. No tardó su cuerpo en acompañar a su alma muerta, como la mía,

Aqui constatamos uma das características que classificam o romance de Rojas (2017) como um romance histórico contemporâneo de mediação, crítico frente ao discurso tradicional da historiografia, pois apresenta uma releitura questionadora e verossímil da história de Anacaona – uma personagem marginalizada, menosprezada, subjugada pelos registros da História Tradicional, escrita pelos cronistas e historiadores europeus sobre as empreitadas colonizadoras na América. A criticidade desse romance possibilita reiniciar, no imaginário de seus leitores, a importância de sujeitos como Anacaona na História da América, por ter sido ela uma representação do poder local, da resistência e liderança feminina, que foi, majoritariamente, excluída e manipulada nos registros oficializados da História americana. Segundo Vallejo (2015, p. 30, tradução nossa), “[...] as creações literárias em torno de Anacaona nos apresentam muito mais ‘fatos’ sobre sua vida do que os poucos dados disponíveis dos cronistas, e assim, as construções discursivas são maiores do que a ‘história’ oferecida pelas crônicas”.<sup>23</sup>

É por isso que ressignificações literárias críticas, como o romance de Rojas (2017), agem a favor da descolonização/decolonização do pensamento latino-americano e operam “como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados” (Mignolo, 2017, p. 2), assim como outros romances históricos contemporâneos de mediação também o fazem. Esse processo de desconstrução do pensamento colonizado é compreendido como necessário, pois ainda perdura na construção identitária latino-americana, decorrente dessa História Tradicional unilateral perpetuada sobre a História de nosso continente, escrita univocamente por aqueles que se declararam “conquistadores” desse território.

Apresentamos, a seguir, nossa seção final de análise, na qual contrastamos as construções ficcionais de Anacaona nas obras analisadas.

#### **4 Os embates ideológicos nas distintas construções da personagem Anacaona**

As duas obras apresentadas neste artigo criam uma construção ideológica em torno da imagem de Anacaona como uma mulher bela e pacificadora. Apresentamos, nesta seção final do artigo, os embates ideológicos verificados na análise comparativa da construção da personagem Anacaona no romance histórico tradicional de Orellana (1860) e no romance histórico contemporâneo de mediação de Rojas (2017).

A obra *Flor de Oro (Anacaona, Reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, é considerada um romance histórico tradicional, pois apresenta um viés acrítico com relação à historiografia tradicional europeia. A diegese de Orellana (1860) configura a personagem Anacaona de maneira totalmente submissa perante as figuras masculinas, especialmente as dos colonizadores espanhóis, tornando-a um instrumento da retórica colonialista.

---

sin más posibilidad de salvación que aguantar un par de sacudidas más antes de que su corazón dejara de latir (Rojas, 2017, p. 418).

<sup>23</sup> Texto original: [...] las creações literarias en torno de Anacaona nos presentan con mucho más ‘hecho’ sobre su vida que los pocos datos que se tenían de los cronistas, y así las construcciones discursivas son mayores que la ‘historia’ ofrecida por las crônicas (Vallejo, 2015, p. 30).

Essa construção fictícia da personagem taína como uma mulher bela e pacificadora também está, sob outro viés, presente na obra de Rojas (2017), classificada como um romance histórico contemporâneo de mediação. Nela, apresenta-se um olhar crítico sobre a História Tradicional referente à colonização. O romance histórico tradicional de Orellana (1860) corrobora o discurso disseminado durante séculos pela historiografia tradicional hegemônica europeia, com destaque às ações colonialistas. Para isso, a voz narrativa utiliza técnicas escriturais como a verossimilhança, ao apresentar registros que foram escritos pelos “[...] cronistas mais verdadeiros [...]” (Orellana, 1860, p. 72, tradução nossa),<sup>24</sup> e a exaltação de heróis europeus, como Cristóvão Colombo, intensamente exaltado na diegese de Orellana (1860) como o homem mais sábio, prudente, generoso, humilde, de quem sempre nos lembraremos pelos seus grandes feitos na História.

A representação de Anacaona na diegese de Rojas (2017) configura a personagem como uma mulher detentora de poder, uma líder que não se rendeu àqueles que representavam uma ameaça a sua nação e, por isso, viu seu povo ser massacrado. Ela foi enforcada pelos colonizadores espanhóis, diante da recusa da oferta que lhe foi feita de se submeter e se unir a eles por meio do matrimônio. A obra exalta esse caráter de resistência, embate, enfrentamento e resiliência da autóctone, que era muito respeitada entre os taínos. Tal construção literária possibilita a identificação de leitoras com Anacaona, a qual pode ser considerada um símbolo de força e resistência feminina, uma vez que a personagem romanesca, para Cândido *et al.* (2007), possibilita uma adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação, projeção e transferência, por exemplo.

A ficcionalização da morte de Anacaona na obra de Orellana (1860) não recebe muita atenção e se reduz a um parágrafo. Em contraposição, a morte de Colombo é narrada, nessa obra acrítica, com pormenores, por meio de uma narrativa romantizada, que fortalece a edificação da imagem dessa personagem. A representação ficcional do genocídio dos taínos liderados por Anacaona e do enforcamento da cacica, nesse romance histórico tradicional, é uma das exemplificações mais claras do caráter acrítico da obra, assim como o enaltecimento de personagens igualmente exaltados na historiografia tradicional europeia. Por outro lado, temos, em Rojas (2017), um maior foco aos acontecimentos do massacre, à captura e à morte de Caonabó e de Anacaona, e uma maior desconstrução da imagem edificada pela historiografia oficializada de colonizadores como Cristóvão Colombo, o qual, na ficção de Rojas (2017), impõe tributos e aplica mutilações aos nativos.

As contraposições estabelecidas entre as diferentes construções da personagem Anacaona no romance histórico tradicional de Orellana (1860), que apresenta uma perspectiva acrítica sobre a História da colonização da América Latina, ao apenas exaltar as ações dos europeus, e o romance histórico contemporâneo de mediação de Rojas (2017), construído com um viés crítico/decolonial, reforçam algumas das várias ideologizações que foram construídas sobre a imagem da figura histórica de Anacaona ao longo dos séculos. Sua imagem só é popularmente conhecida, atualmente, nas nações do Haiti e da República Dominicana – território insular que correspondia, na época da colonização da América, à ilha de Guanahaní/“La Española”.

Martínez Miguélez (1994) escreve sobre a população autóctone americana, a qual existe há milhões de anos e não se extingue, como muitos pensam. São muitos, numericamente

<sup>24</sup> Texto original: [...] cronistas mas verídicos [...] (Orellana, 1860, p. 72).

mente falando, mais de 40 milhões de pessoas, mesmo com o etnocídio estatístico que os estados costumam praticar. Nas palavras da autora,

[...] é preciso acrescentar que, mesmo que a situação indígena tenha sido, e continue sendo, de dominação, também é verdade que, embora em uma posição de desigualdade, os povos indígenas responderam, resistindo. Esta resistência indígena tem mantido uma disputa permanente contra as diferentes formas de opressão, o que deve ser considerado como a vontade muito clara de permanecer e pensar sobre o seu futuro por meio da leitura do passado, o que lhes confere sua própria dimensão histórica (Martínez Miguélez, 1994, p. 9, tradução nossa).<sup>25</sup>

A limitação do conhecimento sobre a atuação da cacica taína Anacaona a um espaço geográfico e social pontual é, por si só, um forte indicativo da necessidade, ainda existente, da descolonização do imaginário latino-americano e da formação de leitores críticos decoloniais em nossa sociedade. Em contraposição ao comum desconhecimento sobre a líder taína Anacaona na maior parte do território da América Latina, muito se conhece sobre a atuação de personagens consagradas pela historiografia tradicional hegemônica europeia, como os exploradores Cristóvão Colombo e Hernán Cortés, sobre os quais os livros didáticos de História ainda versam, a partir de uma perspectiva que apresenta reminiscências do colonialismo, conforme apontam pesquisas como as desenvolvidas pelo Grupo “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”.<sup>26</sup>

Tal fato reforça a necessidade, ainda existente, de romper com os padrões estabelecidos durante séculos sobre a História latino-americana, a partir de leituras críticas/decoloniais, que apresentam ao seu leitor ressignificações literárias de personagens que foram ocultadas ou subjugadas nos registros oficializados pela História Tradicional, como é o caso de Anacaona (Fleck, 2025). Essa cacica caribenha é uma das únicas figuras representativas de poder feminino autóctone na História da América Latina, que foi assassinada junto à sua comunidade taína e sobre a qual existem escassos registros. Sua memória persiste no universo literário e na cultura popular e oral, por meio de canções, lendas e estudos como o que apresentamos neste artigo.

## Referências

ANCHIERA, Pietro Martire d'. *De Orbe Novo, the eight decades of Peter Martyr D'Anghera (volume I)*. Trad. Francis Augustus MacNutt. New York: Knickerbocker Press, 1912.

<sup>25</sup> Trecho original: [...] hay que añadir que si bien la situación del indígena fue, y sigue siendo, de dominación, también es verdad que aunque desde una posición de desigualdad, los indígenas han contestado, resistiéndose. Esta resistencia indígena ha mantenido una disputa permanente contra las diferentes formas de opresión, que debe considerarse como la clarísima voluntad de permanecer y de pensar su futuro leyendo el pasado, los que les confiere su propia dimensión histórica.(Martínez Miguélez, 1994, p. 9).

<sup>26</sup> Grupo de pesquisa liderado pelo professor doutor Gilmei Francisco Fleck, cadastrado no diretório de Grupos de Pesquisa Lattes CNPq, no âmbito da Unioeste, campus Cascavel – PR.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. *Historia y novela: poética de la novela histórica*. 2. ed. Navarra: Universidad de Navarra, 2003.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, Gilmei Francisco. *A formação do leitor literário decolonial: vias à descolonização das mentes, das identidades e do imaginário na América Latina*. Campinas: Pontes, 2025.

GAYANGOS, Don Pascual de. *Cartas y relaciones de Hernán Cortés al Emperador Carlos V. 1519-1526*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2019. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc0974782>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MARTÍNEZ MIGUÉLEZ, Angeles. *Mujeres indígenas: entre la opresión y la resistencia*. Madrid: Asociación Mujeres por La Paz, 1994.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2025.

ORELLANA, Francisco José. *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)*. Barcelona: Imprenta del Porvenir, 1860.

ROJAS, Jordi Díez. *Anacaona: la última princesa del Caribe*. Scotts Valley; California: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2017.

THACHER, John Boyd. *Christopher Columbus, his life, his works, his remains*. New York: Knickerbocker Press, 1903.

TORREJÓN, José Miguel Martínez. *Bartolomé de Las Casas: Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2011.

VALLEJO, Catharina Vanderplaats de. *Anacaona: la construcción de la cacica taína de Quisqueya: quinientos años de ideologización*. Santo Domingo: Banco Central de la República Dominicana, 2015.